

**Aluna:** Bruna Doná Mourão

**NºUSP:** 10280767

**Curso:** Relações Internacionais

## **Ensaio 1: Construção da Nova Era**

### **Introdução:**

Temas e Práticas em Relações Internacionais é uma matéria disponível para todos os estudantes da Universidade de São Paulo fornecida pelo Instituto de Relações Internacionais que foi elaborada de tal forma que estimule a construção do pensamento crítico dos alunos para a formação do seu conhecimento, construção da identidade e para os seus projetos de vida pessoal e profissional. Neste ensaio, que é uma das avaliações dessa disciplina, busco analisar e me posicionar criticamente sobre a evolução das Relações Internacionais (RI's) a partir das discussões apresentadas nos encontros/ seminários semanais.

A temática estudada - evolução das RI's - no segundo semestre de 2020 está inserida no contexto geopolítico marcado pela pandemia do COVID-19 e na construção da nova era frente aos desafios e questionamentos levantados por esse contexto único e peculiar. Diante disso, apresentarei minha perspectiva sobre as respostas da sociedade à essas demandas incertas e singulares à medida em que, ora concordo com a opinião do palestrante convidado para o seminário, ora discordo, apresentando minhas opiniões, ponto de vistas e suas fundamentações teóricas.

Para tal, consequentemente, esse texto está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresentarei, por seminário/ semana, um breve contexto do conteúdo abordado em aula e em seguida exibirei minha perspectiva pessoal ressaltando importância da temática em questão para a evolução das RIs e construção do futuro. Por fim, finalizarei esse ensaio com a conclusão evidenciando os principais pontos discutidos ao longo do texto e apontarei a minha opinião pessoal sobre as primeiras aulas do semestre diante do questionamento proposto pelos professores.

### **Desenvolvimento:**

#### **1 - Jacques Marcovitch: Novo normal ou nova era frente às crises 2020**

A primeira palestra foi ministrada pelo professor Jacques Marcovitch e abordou a seguinte temática: “Novo normal ou nova era frente às crises 2020”. O professor buscou

elucidar e discutir sobre as grandes mudanças globais que ficaram mais evidentes por conta das adversidades do ano de 2020 focando principalmente nas crises derivadas da pandemia. Ainda que para os próximos anos, haja uma tendência do ano de 2020 ser lembrado e caracterizado por sua crise sanitária, o pesquisador também trouxe para o debate as crises econômicas, sociais e políticas resultantes da crise de COVID -19, apontando suas interações, conexões e efeitos.

A crise sanitária pode ser compreendida como resultado do espalhamento do vírus de COVID - 19 que se iniciou em dezembro de 2019 na China e suas implicações para a saúde das pessoas a nível global. Medidas de isolamento social (como quarentena, fechamento de fronteiras, home office e distanciamento social) foram tomadas para evitar o alastramento da doença e foram responsáveis pelo desencadeamento da crise econômica. De acordo com projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), estima-se que o PIB brasileiro irá se retrair em 9,1% em 2020. Se confirmada a previsão da organização internacional (OI), esse resultado será o pior em 120 anos.

As crises econômica e sanitária escancararam também a desigualdade social brasileira. Isso porque, os diversos recursos econômicos disponíveis para a população distribuídos de formas desiguais e os diferentes acessos à infraestrutura como serviços de saúde de qualidade, habitação, educação e internet resultaram em impactos ainda maiores para as comunidades socialmente desprivilegiadas. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, por meio da adiação do ENEM que é resultado das dificuldades e falta de acesso de educação online de qualidade por conta do acesso à internet principalmente para as populações de baixa renda.

A crises política, econômica e social também afetaram a política dos países, surgindo, pois, diversas instabilidades que culminaram também em crises políticas. Globalmente, alguns países adotaram medidas protecionistas se virando contra ao princípio do multilateralismo. Já, no Brasil, por exemplo, tivemos as diversas alterações e demissões no cargo de ministro da saúde, diante de uma pandemia global, e a demissão de Sérgio Moro do Ministério da Justiça.

Diante disso, ao meu ver, a aula introdutória foi fundamental para estabelecer um panorama geral contemporâneo das relações internacionais, uma vez que a pandemia ao nos colocar diante do espelho, revelou um mundo marcado por crises, conexões, ligações e carente de mudanças. Concordo com o professor que a pandemia intensificou o reconhecimentos de tendências como o estresse ambiental e a sustentabilidade. Porém discordo em termos geopolíticos. As mudanças provocadas pela epidemia foram tantas e tão

intensas que, ao meu ver, é impossível prever como o mundo reagirá e se organizará diante desse “Novo normal”.

## **2 - Pedro Dallari: Mecanismos Institucionais de RI e as Crises 2020**

A segunda palestra do curso foi ministrada pelo professor Pedro Dallari e nos foi aprofundado conceitos fundamentais para a compreensão das relações internacionais como Estado, OI, ser humano, empresas multinacionais e organizações não governamentais que tinham sido apresentados na primeira aula. A partir de uma abordagem histórica, o professor destrinchou e detalhou esses conceitos de forma clara e didática, levando em consideração principalmente a grande quantidade de alunos oriundos de outros institutos e unidades da USP que talvez nunca tenham tido contato com esses conceitos na academia, o que ao meu ver, o professor fez de forma brilhante por ser sucinto, claro, objetivo e didático.

Como aluna do curso de RI da USP, entendo que a metodologia escolhida pelo professor e a ordem de apresentação dos conceitos foi excelente. Ao iniciar a aula com a apresentação do conceito de Estado mencionando tanto o Tratado de Tordesilhas quanto os efeitos da Paz de Westfália, o professor conseguiu deixar bem claro a relevância do Estado como principal ator das RI's. Em seguida, ele explorou o conceito de organização internacional, a partir de um salto temporal e das implicações geopolíticas resultantes da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Por fim, Dallari explicou conceitos mais recentes de relevância para as RIs como o ser humano, empresas multinacionais e ONGs. O professor esclareceu a diferença entre atores de RI e sujeito de direito (agentes normativos vs não normativos) e as possibilidades de ações e limitações de cada um desses atores.

Diante do exposto acima, ao meu ver, as duas primeiras aulas podem ser consideradas introdutórias para o curso em questão, uma vez que apresentam tanto um panorama geral atual das RIs - fundamental para construção do pensamento crítico do aluno - quanto um base teórica extremamente solidificada e clara. Isso porque, fundamentado em um excelente arcabouço teórico, Dallari explica conceitos fundamentais para as RI's que serão mencionados e retomados diversas vezes ao longo do curso.

### **3 - Luis Henrique García Rodriguez: Governança Internacional frente às Crises 2020: Desafios e Ações**

Em seguida, tivemos a palestra do economista boliviano Luis Rodriguez que abordou a temática da governança global diante do contexto histórico político e econômico extremamente peculiar que estamos vivendo, a partir de uma perspectiva focada na integração latino americana e os seus efeitos para o mundo globalizado atual. Além de ser o primeiro seminário abordado a partir de uma perspectiva não brasileira, o professor também ministrou a palestra em espanhol, o que ao meu ver, converge com a idéia da construção do pensamento crítico partir de uma nova perspectiva que se depara com outras culturas e línguas e os desafios de lidar e conviver em um mundo global.

O economista que foi presidente do Banco de Desenvolvimento Latino Americano enfatizou fortemente a questão do desenvolvimento latino americano e global, o que em suas palavras, ele considera ser o seu DNA. Além disso, ele ressaltou a importância do multilateralismo internacional, principalmente diante das crises do ano de 2020 em que slogans atuais dos EUA e Brasil, respectivamente, “America First” e “Deus acima de tudo e Brasil acima de todos” colocam em xeque essa questão, uma vez que vão na contramão dessa política internacional.

Ao meu ver, o maior questionamento levantado pelo pesquisador durante o seu seminário foi o papel da América Latina para o mundo, que vem perdendo força e poder de barganha para os países asiáticos nas últimas décadas e como lidar com essa questão. Segundo o economista, os principais desafios para a região é a reconstrução das bases para o multilateralismo regional como governança, transparência, institucionalidade, por exemplo, para, em seguida, ter maior expressão mundial.

Concordo com Garcia Rodriguez que esses são pontos fundamentais para a construção e intensificação das relações latino americanas e ressalto também a importância da atuação do Brasil em torno desse objetivo. Isso porque, sendo o Brasil o maior país em termos econômicos, populacionais e territoriais da região, ele um é *player* fundamental para a estruturação de uma região que visa aumentar o seu protagonismo nas RI's.

### **4 - Sérgio Vieira de Mello: Pensamento e Ação frente as Crises**

A aula sobre o diplomata brasileiro Sérgio Viera de Mello acompanhada das visitas aos museus do genocídio armênio, holocausto e da guerra em Hiroshima foi a aula que mais gostei até então, tanto pela temática quanto pela reflexão que ela me causou. Inicialmente,

gostei muito da inclusão do documentário “A caminho de Bagdá” como pré-tarefa, porque esse tipo de conteúdo cativa muito mais a minha atenção e instiga o meu conhecimento em detrimento de artigos e publicações acadêmicas. Logo, eu, já fui para a aula muito mais interessada no assunto em questão.

Quanto a primeira parte focada no Sérgio, ficou bem claro o legado que o diplomata queria passar o mundo focando em conceitos como promoção e respeito dos Direitos Humanos (DH) por meio da sua atuação, empatia, generosidade, ênfase no multilateralismo e a sua crença na efetividade do diálogo. Entretanto, ao meu ver, acredito que faltou um pouco de criticidade na construção da imagem de Sérgio, porque penso que ela tenha ficado muito romantizada e idealizada, se afastando da ideia de um ser humano normal e que também possui defeitos e aspectos a melhorar.

A segunda parte da aula, entretanto, foi, até o momento em que escrevo esse texto, a que mais gostei de todo curso por conta da reflexão que ela me causou: como estudamos apenas um lado da história que geralmente é marcada pelo ocidente e pela perspectiva dos vencedores. As visitas aos museus, ainda que de forma online e breve, me tocaram e me causaram grandes questionamentos internos. O primeiro, museu do genocídio armênio, me fez questionar como estudei tão pouco essa passagem histórica tanto na escola quanto na universidade e os motivos por trás dessa percepção.

O segundo, museu do Holocausto, ainda que o impacto tenha sido menor que os outros, acentuou uma curiosidade pessoal em torno dessa temática. Já o terceiro, museu da guerra de Hiroshima, foi o que mais me causou reflexões e questionamentos pessoais. Isso porque, foi uma das poucas vezes, senão a primeira vez, que estudei e vi a guerra a partir do olhar japonês. Me questionei sobre o aprendizado da história a partir da visão dos vencedores e da falta de perspectiva e diversidade dos historiadores e leituras mandatórias tanto na escola quanto na universidade. Terminei a aula com a seguinte reflexão: a hipocrisia dos Estados Unidos que entraram na guerra para lutarem contra um genocídio, porém a terminaram criando outro.

Entendo que esses questionamentos causados convergem com a ideia proposta pela disciplinas que é a construção de um pensamento do crítico dos alunos e a percepção de agentes capazes de transformar a realidade ao nosso entorno. A construção do futuro, tópico

que foi mencionado diversas vezes nesse ensaio e é uma das metas do curso, ao meu ver não é visto somente como um objetivo mas sim também como uma questão de responsabilidade.

## **5 - Carlos Lopes: As Economias Emergentes frente às crises 2020: lições e perspectivas**

Em seguida, tivemos uma excelente palestra sobre as economias emergentes e as crises de 2020 que nos trouxe pela primeira vez uma perspectiva além do continente americano já que o palestrante, Carlos Lopes, é oriundo da África. Com passagens pela Organização da Nações Unidas e com frequente contato com a academia, Lopes enfatizou a os desafios do multilateralismo frente a nova ordem mundial que está em construção.

Segundo Lopes, a nova ordem mundial que estamos vivendo é caracterizada pelo mundo global em constante mudança e pela confluência de novos desafios em escala global por conta das conexões e relações mundiais. De acordo com ele, as tecnologias de comunicação e informação são elementos fundamentais para entender, analisar e lidar com a geopolítica global. Entretanto, o pesquisador criticou a abordagem segmentada e compartimentada de atuação vigente das OIs citando, por exemplo, a OMC, OMS e falta de credibilidade da ONU, que não se adaptaram à essa nova dinâmica interconectada provendo respostas e estruturas antigas às novas demandas. O multilateralismo não está equipado para responder à esse novo contexto geopolítico.

Diante disso, ele defende uma abordagem holística das RI's, ainda que seja muito difícil de se colocar em prática. Essa abordagem é caracterizada pela compreensão do fenômeno em sua totalidade e globalidade aplicando conceitos de uma área em outra. Eu concordo com essa perspectiva proposta, pois frente a um mundo extremamente interligado, acredito que seja ingênuo pensar que atitudes tomadas em uma determinada área do planeta sobre um tema específico não cruzará os oceanos afetando outras regiões, sociedades e contextos. Penso que ao mudar nosso olhar sobre o mundo e a nossa relação com ele, poderemos pensar em soluções inovadoras e em novas possibilidades que antes seriam impossíveis.

## **6 - Carlos Eduardo Lins da Silva: Jornalismo e mídias sociais na construção da nova era**

A última apresentação da primeira metade do curso abordou a temática do jornalismo e das mídias sociais no mundo moderno e os efeitos da pandemia para essa área. Carlos

Eduardo, ao longo de sua palestra, fez um recorte interessante do modelo de negócios do jornalismo a partir de uma perspectiva histórica em que abordava as mudanças do *business* desse setor da comunicação e as suas consequências na forma de consumo de notícias com o advento das redes sociais. Ao meu ver, ele apresentou um importante debate de como essa mudança ocorreu e as suas perspectivas para o futuro.

O profissional levantou dois pontos que acho fundamentais para a construção das RI's: a polarização ideológica como efeito das redes sociais e construção do jornalismo como uma espaço de debate público que atue a favor da democracia. O primeiro aspecto, consequência do mundo moderno, pode ser entendido como resultado do funcionamento das tecnologias em que o usuário ao bloquear e excluir determinados conteúdos somado às funcionalidades dos algoritmos se restringe à uma pequena parcela de informação enviesada e de apenas um posicionamento político/ ideológico. Consequentemente, ao estar inserido em uma bolha, não há uma choque de opiniões e perspectivas sobre determinado assunto, gerando, portanto, um ciclo retroalimentativo, vicioso e fechado.

O segundo ponto, entretanto, é extremamente importante, ao meu ver, para a construção do debate público e exercício da democracia. Ao entender o mundo jornalístico como parte da realidade e expandindo sua função além de relator e também como ator, peça fundamental para a construção do mundo moderno, entendo que é fundamental que este seja um espaço democrático e apartidário em que se deve dar espaço para as diversas opiniões e vertentes. Discordo do palestrante com a ideia do que o jornalismo seja cada mais opinativo, porque acredito que o debate político é mais frutífero quando se atenta aos fatos e análises aprofundadas.

Entretanto, é importante ressaltar, e nesse aspecto compartilho com a ideia de Carlos Eduardo, a dificuldade entre se estabelecer o limite da clareza e moral e até onde devemos tolerar o intolerante e dar espaços para essas perspectivas com alcance nacional. Concordo com Lins que a definição desses limites é extremamente subjetiva e tênue, porém a acho necessária para a conservação e exercício da democracia que há vozes que não devem ser ouvidas. Isso porque, certos discursos ao propagarem e principalmente incentivarem atitudes que vão contra a democracia e os Direitos Humanos como defensores de tortura, ditaduras, misógenos entre outros, estamos colocando em risco o sistema político de governo atual e abrindo precedentes para novas formas mais autoritárias e restritivas.

## **Conclusão:**

Frente ao ensaio exposto acima, entendo que a pandemia de COVID-19 evidenciou uma profunda relação entre espaço, tempo, conexão e relação global. Percebeu-se que o mundo está muito vulnerável a disseminação global de crises sanitárias, políticas e principalmente econômicas o que impacta indireta e diretamente a evolução as RI's e a relação entre os principais atores dessa ciência que foram mencionados diversas vezes ao longo do curso.

Diante da diversa quantidade de tópicos e perspectivas abordadas nos seminários, entendo que tentou-se desenhar ao longo dos encontros uma relação de complementaridade e questionamentos sobre os tópicos abordados em aula em que cada fala acrescentava um novo elemento na construção do pensamento crítico sem apagar ou ofuscar outro. A construção do futuro crítico, a qual mencionei diversas vezes ao longo desse texto, ao meu ver, é fruto do choque e debates entre perspectivas e realidades em que nós alunos frequentemente nos indagamos e fomos apresentados ao longo desse curso.

Como alunos da Universidade de São Paulo e com a responsabilidade que temos perante à sociedade por ter essa oportunidade de estudar na maior e prestigiada universidade da América Latina, fomos constantemente lembrados que devemos utilizar todos os nossos recursos disponíveis para participar de forma ativa para o modelagem do novo mundo. Mundo esse cada vez menos abstrato e mais complexo em que os tópicos de RI cada vez mais demandam respostas e atuações inovadoras.

## **Bibliografia:**

<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/49462> - Acesso em 15/10/2020

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/com-impacto-do-coronavirus-fmi-preve-queda-de-91percent-para-o-pib-do-brasil-neste-ano.ghtml> - Acesso em 15/10/2020

<https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2020/07/06/covid-19-mata-mais-pretos-e-pobres-retrato-da-desigualdade-e-do-racismo.htm> - Acesso em 15/10/2020